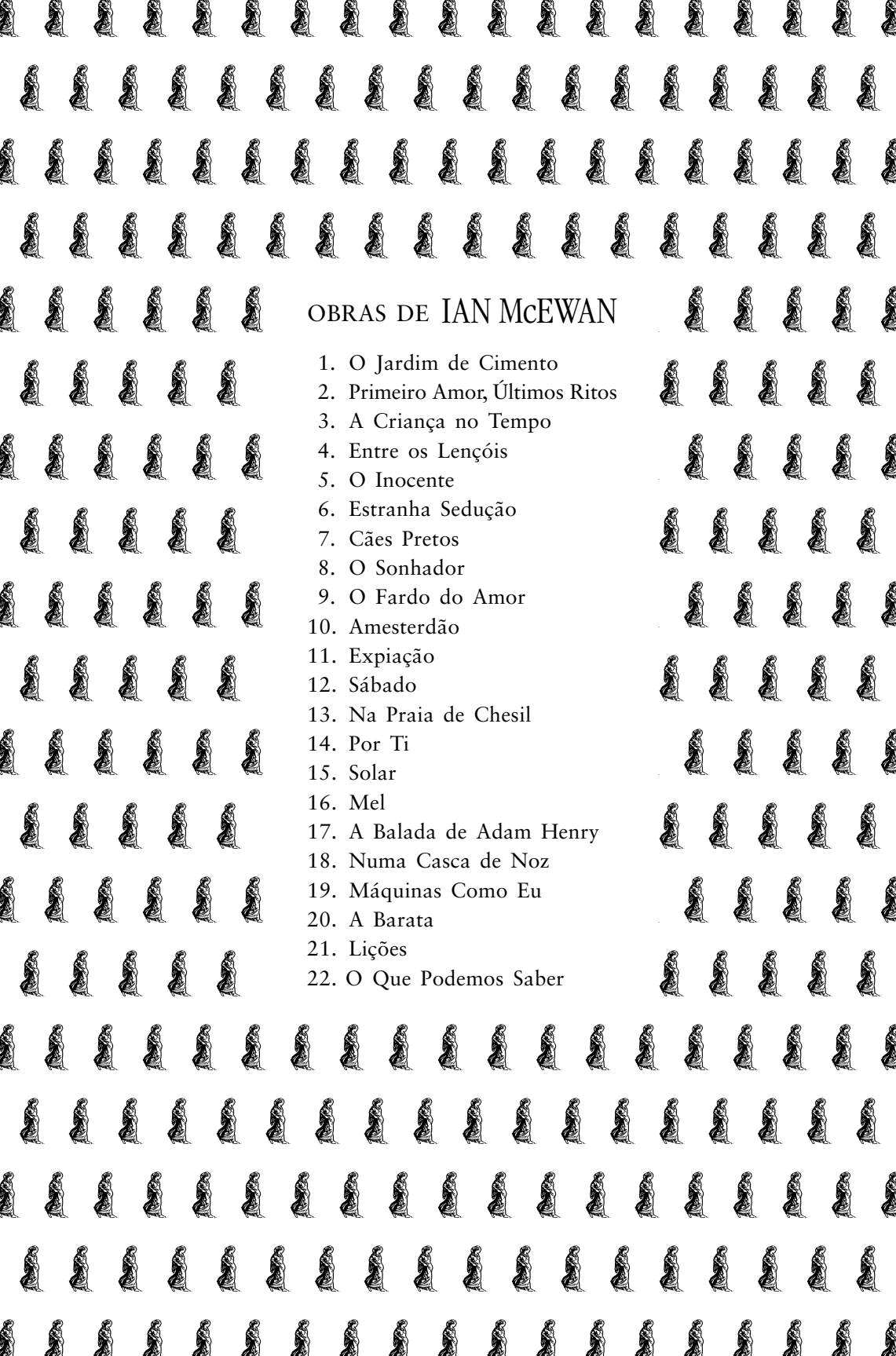




OBRAS DE IAN MCEWAN

1. O Jardim de Cimento
2. Primeiro Amor, Últimos Ritos
3. A Criança no Tempo
4. Entre os Lençóis
5. O Inocente
6. Estranha Sedução
7. Cães Pretos
8. O Sonhador
9. O Fardo do Amor
10. Amesterdão
11. Expição
12. Sábado
13. Na Praia de Chesil
14. Por Ti
15. Solar
16. Mel
17. A Balada de Adam Henry
18. Numa Casca de Noz
19. Máquinas Como Eu
20. A Barata
21. Lições
22. O Que Podemos Saber

IAN
MCEWAN

CÃES PRETOS

gradiva

A Jon Cook, que também os viu

*Nestes tempos não sei, por assim dizer,
aquilo que quero; talvez não queira aquilo
que sei e queira aquilo que não sei.*

MARSÍLIO FICINO, carta a Giovanni
Cavalcanti, c. 1475

Nota

Os lugares mencionados neste romance correspondem a aldeias francesas reais, mas as personagens associadas a elas são inteiramente ficcionais e não têm qualquer semelhança com pessoas vivas ou já falecidas. A história do *maire* e o próprio *maire* não se baseiam em acontecimentos reais.

I. M.

Prefácio

Desde que perdi os meus num acidente de viação, quando tinha oito anos, passei a trazer debaixo de olho os pais das outras pessoas. Foi assim especialmente antes dos meus 20 anos, altura em que muitos dos meus amigos estavam a deixar de passar cartão aos seus velhos e eu me saía bastante bem numa espécie de aproveitamento de sobras solitário. No nosso bairro não faltavam pais e mães deprimidos, que ficavam encantados por poderem contar, pelo menos, com um rapaz de 17 anos para apreciar as suas anedotas, conselhos e cozinhados, e até o seu dinheiro. Ao mesmo tempo, eu próprio era, em certa medida, um pai. O meu ambiente imediato, naquela ocasião, era o recente, e já em vias de desintegração, casamento da minha irmã, Jean, com um homem chamado Harper. Neste lar infeliz tinha como *protégée* e amiga íntima Sally, minha sobrinha de três anos e filha única de Jean. As fúrias e reconciliações que

irrompiam de extremo a extremo do grande apartamento — Jean herdara metade da propriedade e a minha metade estava sob curadoria — tendiam a pôr Sally de lado. Naturalmente, eu identificava-me com uma criança abandonada e por isso de vez em quando exilávamo-nos confortavelmente no grande quarto que dava para o jardim, com os brinquedos dela e os meus discos e uma cozinha minúscula, que utilizávamos sempre que a selvajaria exterior nos despertava o desejo de não mostrarmos as nossas caras.

Cuidar dela era bom para mim. Mantinha-me civilizado e afastava os meus próprios problemas. Teriam de passar mais duas décadas até voltar a sentir-me tão enraizado como então. O que me agradava acima de tudo eram as noites em que Jean e Harper saíam, em especial no Verão, e em que eu lia para a Sally até ela adormecer e depois fazia os meus trabalhos de casa na grande mesa junto das portas-janelas abertas, voltadas para o cheiro agradável das árvores fragantes e da poeira do trânsito. Estava a estudar para os exames de acesso na Beamish, em Elgin Crescent, uma escola preparatória que gostava de se intitular «academia». Quando levantava a cabeça do trabalho e via a Sally atrás de mim, no quarto que escurecia, deitada de costas, com lençóis e ursos de peluche empurrados para baixo dos joelhos, braços e pernas abertos, no que eu considerava uma atitude de confiança completamente insensata na benevolência do seu mundo, sentia-me exaltado por um sentimento protector desenfreado e dorido, uma punhalada no coração. Estou certo de que foi por isso que tive, eu próprio, quatro filhos. Nunca me restaram quaisquer

dúvidas a este respeito: em certo nível, permanecemos órfãos para toda a vida; olhar por crianças é uma maneira de olharmos por nós próprios.

Imprevisivelmente, Jean aparecia-nos de repente, movida pela culpa ou por um excesso de amor por ter feito as pazes com Harper, e levava Sally para o seu lado do apartamento, com beijinhos e abraços e promessas sem valor. Era nessas alturas que o negro-me, a sensação vazia de não pertença, costumavam abater-se sobre mim. Em vez de ficar por ali amuado, ou a ver televisão como outros miúdos, saía para a noite, descia Ladbroke Grove e seguia para o lar onde na altura sentisse mais calor. As imagens que me vêm ao pensamento, passados mais de vinte e cinco anos, são de mansões claras, estucadas, mas com a tinta a cair, outras imaculadas, Powis Square, talvez, e uma forte luz amarela que saía da porta aberta da frente e revelava, no escuro, um adolescente de rosto branco, já com 1,80 m de altura, a arrastar as botas Chelsea. Oh, boa noite, Mrs Langley. Desculpe incomodá-la. O Toby está?

A maior parte das vezes o Toby está com uma das suas pequenas, ou no *pub* com amigos, e eu começo a descer os degraus do alpendre, pedindo desculpa, até Mrs Langley nos fazer subir de novo com um «Jeremy, não queres entrar, mesmo assim? Anda, vem beber um copo com estes velhos maçadores. Tenho a certeza de que o Tom gostará de te ver.»

Hesitações rituais. Depois o cuco com 1,80 m entra e é conduzido a uma enorme sala cheia de livros, com adagas sírias, uma máscara de xamã, uma zarabatana com dardos de pontas impregnadas de curare. Sentado

Nugent ou os Silversmith. Deixei-os a todos para trás. A minha culpa, o meu sentimento de traição, não me permitiram regressar a Notting Hill, nem mesmo para um fim-de-semana. Não suportaria outra separação de Sally. A ideia de que estava a infligir-lhe a mesma perda que eu próprio sofrera intensificou a minha solidão e diminuiu a excitação do meu primeiro período de aulas. Tornei-me um estudante calmamente deprimido, um daqueles indivíduos baços, praticamente invisíveis para os seus colegas, aparentemente excluídos pelas próprias leis da natureza do processo de fazer amigos. Corri para o lar mais próximo. Ficava em North Oxford e pertencia a um tutor com uma atitude paternal e à sua mulher. Aí brilhei durante algum tempo, breve, e meia dúzia de pessoas disseram-me que era inteligente. Mas isso não chegou para me impedir de deixar North Oxford, primeiro, e a seguir, no quarto semestre, a própria universidade. Depois disso, durante anos, continuei a abandonar moradas, empregos, amigos, namoradas. Ocasionalmente, conseguia atenuar o meu sentimento irredutível de não pertença infantil travando amizade com os pais de alguém. Era convidado, recuperava ânimo, e depois partia.

Esta triste loucura terminou com o meu casamento, aos 35 anos, com Jenny Tremain. A minha existência começou. O amor, para usar uma expressão de Sylvia Plath, pôs-me em movimento. Recuperei definitivamente a vida, ou antes, a vida recuperou-me. Devia ter aprendido com a minha experiência com Sally que a maneira mais simples de restituir um progenitor perdido era tornarmo-nos, nós próprios, pais, que para socorrer a criança abandonada dentro de

PARTE 1

WILTSHIRE

A fotografia emoldurada que June Tremaine tinha em cima do armário, junto da cama, estava lá para lhe recordar, assim como para mostrar às visitas, a rapariga bonita cujo rosto, ao contrário do do marido, não dava qualquer sinal da direcção que estava decidida a tomar. O instantâneo data de 1946. Foi tirado um dia ou dois após o casamento e uma semana antes de iniciarem a viagem de lua-de-mel a Itália e a França. O casal estava de braço dado à frente do gradeamento próximo da entrada do Museu Britânico. Talvez o tivessem tirado na hora do almoço, pois trabalhavam ambos ali perto e só tinham obtido autorização para deixarem os empregos respectivos poucos dias antes de partirem. Estão inclinados um para o outro, com a estranha preocupação de não serem cortados pelas arestas da película. Os sorrisos para a câmara são de puro deleite. Talvez fosse impossível não reconhecer Bernard. Então como sempre, 1,88 m de altura, mãos e pés enormes, um queixo absurdo e afável e orelhas de abano, que o corte pseudomilitar de cabelo tornava ainda mais cómicas. Quarenta e três anos tinham causado somente os estragos previsíveis,

e mesmo assim apenas nas margens — cabelo mais ralo, sobrancelhas mais espessas, pele mais áspera —, pois o homem essencial, a aparência espantosa, era a do mesmo gigante toscamente risonho em 1946 e em 1989, quando me pediu que o levasse a Berlim.

O rosto de June, porém, desviou-se do rumo traçado, do mesmo modo que a sua vida, e quase não é possível discernir no instantâneo o rosto velho que se franzia benignamente num sinal de boas-vindas quando estávamos no seu quarto particular. A mulher de 25 anos tem uma cara redonda eterna e um sorriso alegre. A permanente para a viagem é demasiado frisada, demasiado afectada, e não a favorece absolutamente nada. O sol primaveril ilumina-lhe as madeixas, que já começam a soltar-se. Usa um casaco curto, com ombros com chumaços altos e uma saia de pregas a condizer, em que a tímida extravagância do tecido se associa ao *new look* do pós-guerra. A blusa branca tem o decote largo, aberto num V, que afunila ousadamente para o espaço entre os seios. A gola, por fora do casaco, dá-lhe o aspecto jovial, de rosa inglesa, dos cartazes da *Camponesa*. Desde 1938 que é sócia do Clube Socialista de Ciclismo de Amersham. Um braço aconchega a mala de mão ao corpo, o outro está entrelaçado no do seu homem. Encosta-se a ele, com a cabeça bem abaixo do seu ombro.

A fotografia encontra-se agora pendurada na cozinha da nossa casa no Languedoc. Observo-a com frequência, sobretudo quando estou só. Jenny, minha mulher e filha de June, desconfia da minha natureza predatória e irrita-se com o meu fascínio pelos seus

pais. Precisou de muito tempo para se libertar deles e tem razão em achar que o meu interesse poderia causar-lhe uma recaída. Aproximo o rosto, tentando ver a vida futura, o semblante futuro, a resolução que se seguiu a um acto de coragem singular. O sorriso alegre provocou um minúsculo franzir de pele na testa lisa, logo acima do espaço entre as sobrancelhas. Mais tarde tornar-se-ia o traço dominante num rosto enrugado, um sulco vertical profundo que subia do alto do nariz e lhe dividia a fronte. Talvez eu esteja apenas a imaginar a dureza escondida por baixo do sorriso, enterrada na linha do queixo, uma firmeza, uma fixidez de opinião, um optimismo científico a respeito do futuro. A fotografia foi tirada na manhã de Junho em que June e Bernard se filiaram no Partido Comunista da Grã-Bretanha, na sede, em Gratton Street. Vão deixar os empregos e estão livres para declararem as suas lealdades, que vacilaram ao longo do tempo que durou a guerra. Na altura em que muitos têm as suas dúvidas depois das indecisões do partido — seria a guerra uma nobre causa libertadora antifascista ou uma invasão imperialista predadora? — e alguns estão mesmo a abandoná-lo, June e Bernard dão o mergulho. Para além de todas as esperanças num mundo são e justo, sem guerra nem opressão de classes, acham que pertencer ao partido os associa a tudo quanto é jovem, animado, inteligente e ousado. Vão atravessar o Canal e partir para o caos da Europa setentrional, aonde lhes aconselharam que não fossem. Mas estão determinados a pôr à prova as suas novas liberdades, a pessoal e a geográfica. De Calais partirão para sul, para a Primavera mediterrâ-